

As imagens como fonte de memória: o estudo de caso da Igreja de São João Batista da Foz do Douro

Images as source of memory: the case study of the Church of São João Baptista da Foz do Douro

Marisa PEREIRA FARIA DOS SANTOS

Universidade do Porto. CITCEM/FLUP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8338-7487> / marisaflup02@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.18002/da.v0i20.7024>

Recibido: 13-IV-2021

Aceptado: 29-VI-2021

RESUMEN: El culto a Cristo, la Virgen y los santos influye directamente en la producción y difusión de imágenes, encuadrándose en prácticas y rituales devocionales que marcan el ritmo del paso del tiempo, guiados por las festividades religiosas. Las imágenes están sujetas a una movilidad determinada por las transformaciones de la liturgia, la arquitectura y el espacio urbano. Partiendo del estudio de caso de la Iglesia de São João Batista da Foz do Douro, buscamos demostrar la importancia que el estudio de las imágenes asume en la comprensión evolutiva del espacio sagrado y del paisaje urbano. Estos factores son determinantes para el establecimiento de devociones vinculadas a la Orden Benedictina y la protección de los marineros en este territorio.

Palabras clave: Igreja de São João Batista da Foz do Douro; Devociones; Iconografía; Movilidad.

ABSTRACT: The cult of Christ, the Virgin and the saints directly influences the production and dissemination of images, which fit into devotional practices and rituals that define the passage of time, guided by religious festivities. The images are subject to a mobility determined by the transformations of liturgy, architecture and urban space. Taking as a case study of the São João Batista da Foz do Douro Church, we intend to demonstrate the importance that study of images assumes in the perpetuation of Benedictine memory and the fishing community, as well as evolutionary understanding of the sacred space and the urban landscape. These factors were decisive for the establishment of devotions linked to the Benedictine Order and the protection of the fishing community in this territory.

Keywords: Church of São João Batista da Foz do Douro; Devotions; Iconography; Mobility.

CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

A Igreja de São João Batista da Foz do Douro acumulou, ao longo dos seus vários séculos de existência, uma diversificada produção artística¹. Desta destacamos a ima-

ginária, que convoca devoções próprias da Ordem Benedictina, instituição que administrou o antigo Couto da Foz, mas também das gentes do mar que habitam no território. As imagens devocionais tornam-se elementos

¹ El presente artículo se ha elaborado en el marco del proyecto de doctorado "S. João Baptista da Foz

Douro: Território, Devoção e Práticas Religiosas e Culturais (Sécs. XV-XX)", SFRH/BD/145807/2019, financiado por Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

de carácter identitário e agentes de individualização do espaço.

Ao longo da nossa investigação deparamo-nos com estudos de vários autores, entre eles, Magalhães Bastos², José Fernandes³, Mário Barroca⁴, Nuno Moura⁵ e o Padre Rui Osório⁶ que abordaram sucintamente a história local, a fixação dos beneditinos e a movimentação da igreja paroquial pelo território, mas sem nunca referirem a imaginária aí existente.

Para o estudo da imagem é importante destacarmos autores como Erwin Panofsky⁷; Hans Belting⁸; Louis Réau⁹; Juan Carmona Muela¹⁰; Juan Esteban Lorente¹¹ e Geraldo Dias¹².

Constatando-se uma carência de estudos que relacionem as iconografias com as dinâmicas devocionais e tempo-espaciais foi necessário debruçarmo-nos sobre a documentação presente no Arquivo Paroquial da Foz do Douro (APFD). A consulta destas

fontes manuscritas inéditas (séculos XVII-XX) recaiu sobre inventários, registos de despesas/receitas, bem como atas da Confraria do Santíssimo Sacramento (CSS), da Confraria do Senhor dos Passos (CSP) e da Confraria do Povo e Almas (CPA). A escolha desta documentação como fonte primária deve-se ao facto de serem os únicos registos conhecidos que incluem informações sobre a movimentação da imaginária entre altares, oferendas às imagens e despesas com festividades a elas dedicadas.

A recolha de registos orais junto da comunidade envelhecida, que ainda recorda festividades passadas e distintas composições dos altares, permitiu-nos compreender as vivências deste espaço sacro, proporcionando o levantamento de fontes iconográficas de cariz privado (século XX).

Partindo do estudo de caso da Igreja de São João Batista da Foz do Douro procuramos demonstrar a importância que as imagens assumem para o entendimento das dinâmicas devocionais dentro e fora do espaço sacro, assim como na perpetuação da memória beneditina e das vivências da comunidade piscatória, fatores determinantes para a fixação de devoções ligadas à Ordem e à proteção dos mareantes neste território.

A IGREJA PAROQUIAL DE SÃO JOÃO DA FOZ DO DOURO

A comunidade da Foz do Douro, área ocidental da cidade do Porto, era essencialmente formada por pescadores e alguns agricultores que ocupavam o território a que agora se denomina de Foz Velha. Nestas terras da barra do Porto, a comunidade fixou-se em torno da pequena Ermida de São João Batista¹³.

Uma das primeiras referências escritas sobre esta comunidade remonta a 1145, quando Dom Afonso Henriques executa a doação da "(...) heremita de Sancto Iohan-

² Artur de Magalhães Bastos, *Silva de história e arte: notícias portucalenses* (Porto: Livraria Progredior, 1945).

³ José Fernandes, *A Foz: contributo para o estudo do espaço urbano do Porto* (Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1985).

⁴ Mário Barroca, *As fortificações do litoral portuense* (Lisboa: Inapa, 2001).

⁵ Nuno Augusto Moura, *A Foz do Douro: evolução Urbana* (Porto: Edição de Autor, 2009).

⁶ Rui Osório, *Foz do Douro de 1216 a 2016: 800 anos da Paróquia de São João Baptista* (Porto: Paróquia da Foz do Douro, 2015).

⁷ Erwin Panofsky, *Estudos de Iconologia: Temas Humanísticos na Arte do Renascimento* (Lisboa: Estampa, 1986).

⁸ Hans Belting, *Antropologia da Imagem* (Lisboa: KKYM + EAUM, 2014).

⁹ Louis Réau, *Iconografia del arte cristiano*, vols. 3 e 4 (Barcelona: Ediciones del Serbal, 2002).

¹⁰ Juan Carmona Muela, *Iconografía de los Santos* (Madrid: Ediciones Akal, 2003).

¹¹ Juan Esteban Lorente, *Tratado de Iconografía* (Madrid: Ediciones Akal, 2018).

¹² Geraldo Dias, "Hagiografia e Iconografia Beneditina", *Via Spiritus*, nº 3 (1996), 7-24.

¹³ Nuno Moura, *A Foz do Douro: evolução Urbana* (Porto: Edição do Autor, 2009), 7.

ne de foz de Dorio”¹⁴ a Dom Roberto e seus companheiros de Riba Paiva¹⁵.

A criação da ermida dedicada a São João Batista poderá relacionar-se com a política de repovoamento da segunda metade do século IX, nos territórios entre Lima e Vouga¹⁶. Este espaço sacro passa a ser um dos pontos de referência para a fixação de uma pequena comunidade ao longo da encosta junto ao rio. As escavações arqueológicas (1987–1997), realizadas no interior do Forte de São João Batista, colocaram a descoberto os vestígios dos alicerces da fachada norte e os restos da cabeceira de um templo proto-românico¹⁷.

A 2 de maio de 1196, Dom Sancho I e Dona Dulce assinaram uma carta de doação do Mosteiro de São Salvador de Bouças, que à época detinha a administração da Foz, em favor da sua filha Dona Mafalda¹⁸, que por sua vez viria a doar a ermida e couto sanjoanino a Dom Mendo, Abade de Santo Tirso, e ao seu mosteiro, em julho de 1211¹⁹.

A 25 de junho de 1336 o rei, Dom Afonso IV, reconhece as doações anteriores, legitimando a ocupação deste espaço pela Ordem Beneditina que o administrou até à Extinção das Ordens Religiosas, em 1834²⁰.

A pequena ermida deu lugar a uma igreja monumental, de gosto renascentista²¹,

¹⁴ Câmara Municipal de Matosinhos, *Matosinhos em textos medievais: até D. Afonso III* (Matosinhos: Biblioteca Municipal de Matosinhos Florbela Espanca, 1978), 105.

¹⁵ Câmara Municipal de Matosinhos, *Matosinhos em textos medievais...*, 105.

¹⁶ Armando Silva, “Origens do Porto”, em *História do Porto*, coord. por Luís Ramos (Porto: Porto Editora, 1994), 110.

¹⁷ Silva, “Origens...”, 110.

¹⁸ Câmara Municipal de Matosinhos, *Matosinhos em textos medievais...*, 123.

¹⁹ Câmara Municipal de Matosinhos, *Matosinhos em textos medievais...*, 131.

²⁰ Mário Jorge Barroca, *As fortificações do litoral português* (Lisboa: Inapa, 2001), 17.

²¹ Sobre o tema consultar autores como Susana Ma-

erguida por iniciativa de Dom Miguel da Silva, Bispo de Viseu e Abade Comendatário do Mosteiro de Santo Tirso, regressado de Roma em 1525²². A construção do templo ocorreu entre cerca 1527 e 1546. Duas décadas mais tarde este seria encerrado dentro do Forte de São João Batista da Foz do Douro, também conhecido como Castelo da Foz, erguido face à necessidade de defesa da costa portuguesa no século XVI e alargado no contexto da Guerra da Restauração²³.

Um documento do APFD, datado do século XIX confirma que “a igreja parochial de São Joao da Foz do Douro se acha fundada a mais de 700 anoz tendo seu principio onde hoje se acha o Castelo de São João da Foz da Barra de cujo citio foi mudada pera o lugar onde hoje existe por ordem de Sua Magestade”²⁴.

Até cerca de 1643, a igreja e o paço beneditino continuaram em funcionamento, assistindo-se a uma coabitação entre as forças militares e a comunidade religiosa. A reta final desta convivência foi marcada pelo clima instável que se vivia no reduto militar, devido à Guerra da Restauração.

to Abreu, “A obra do arquitecto italiano Francesco da Cremona (c. 1480–c. 1550) em Portugal: novas pistas de investigação”, em *A Encomenda. O Artista. A obra*, coord. por Natália M. Ferreira-Alves (Porto: CEPSE, 2010), 557–583; ou José Ferrão Afonso, “Francisco de Cremona: Arquitecto italiano na Foz do Douro e em Viseu no terceiro quartel do século XVI”, *Estudos Italiano em Portugal*, nº 12 (2017), 131–147.

²² Sobre o tema consultar Barroca, *As fortificações do litoral português...*; ou Matos Abreu, “A obra do arquitecto italiano Francesco da Cremona...”, 557–583.

²³ A Guerra da Restauração (1640–1668) colocou em confronto o reino de Portugal e de Espanha, no seguimento da Restauração da Independência de 1 de dezembro de 1640, que pôs fim ao domínio filipino do território português (1580–1640). Sobre o tema ver Diogo Curto, “A Restauração de 1640: nomes e pessoas”, *Revista de Estudos Ibéricos*, nº 0 (2003), 321–336; ou Gabriel Espírito Santo, *Restauração: 1640–1669* (Matosinhos: QuidNovi, 2006).

²⁴ Arquivo Paroquial da Foz do Douro (APFD), Documentos vários, Livro CSS/61, doc. 8, ff.44v–45, século XIX.

No ano de 1640, os beneditinos recebem uma doação de terrenos e suas “cazas subreiras” feita por Frei André Marques de Almeida ao Abade de Santo Tirso e seu mosteiro, na “condisam que elle Reverendo Dom Abbade e seu Mosteyro possa fazer refassam nos ditos Passos, cazas e terras a igreja parochial do ditto lugar de Saom Joaom da Fos, onde se amenistrem os ofícios devinos e fique unida em perpetuo ao ditto seu Mosteyro de Santo Thirso”²⁵.

Em 1646, foi levada a cabo a demolição de grande parte da estrutura renascentista, salvando-se a capela-mor (adaptada a oratório) e respetiva cúpula, arco triunfal e alçados laterais²⁶. Terá sido por volta desta data que a sede paroquial foi transferida provisoriamente para a Capela de Santa Anastácia, onde permaneceu até cerca de 1676, aquando da conclusão das primeiras obras da nova igreja.

Entretanto, em 1648, D. João IV ordena que as “imagens, retabuloz, caixoeins, ferroz e o maiz que havia na dita igreja no tempo que foi derribada (sic)” fossem guardadas e entregues “ao Abbade do dito Mosteiro de Santo Thirso ou ao religioso que tiver ordem sua (...) pera receber as ditas couzaz”²⁷. Estes vários pertences, cuja lista se desconhece, deverão ter sido entregues e reintegrados na nova igreja, cuja capela-mor foi refundada em 1726²⁸. O desfasamento construtivo entre a capela-mor e a nave da igreja levou a que o trabalho de talha fosse, também ele, reflexo de épocas distintas. A talha dos altares laterais da nave foi elaborada entre 1699 e 1715,

²⁵ APFD, Documentos importantes da CSS, Liv. CSS/11, f. 8, 1640.

²⁶ Rafael Moreira, “Um exemplo: São João da Foz, de igreja a fortaleza”, em *A Arquitectura militar na expansão portuguesa*, coord. por Francisco Paulino (Porto: C.N.C.D.P., 1994), 65.

²⁷ APFD, Titulos do Santissimo, Liv. 15, ff.161-162, 1648.

²⁸ Arquivo Distrital do Porto (ADP), Re compilador e demarcador do Couto de Foz do Douro, Fundo Monástico/Convento de São João da Foz do Porto, reg. PT/ADPRT/MON/CVJSJPRT/0042, f.162, 1734.

seguindo maioritariamente o gosto pelas formas do *Barroco Nacional*, mas contendo intervenções pontuais das formas *Joanina* e *Rococó*²⁹. Por sua vez, o retábulo-mor data de 1734, tendo sido lavrado segundo o risco de Miguel Francisco da Silva e entalhado por Manuel da Costa Andrade e Manuel da Rocha, seguindo as linhas joaninas então recentemente implementadas no retábulo-mor da Catedral do Porto³⁰.

De facto, as práticas devocionais e as dinâmicas do espaço sacro não são estanques, nem congeladas no tempo. Tal como ficou exposto, a própria sede paroquial movimentou-se pelo território, levando consigo imagens, alfaias e devotos. O que hoje vemos no interior da atual igreja resulta da leitura realizada durante o século XX, que ocultou diversas camadas da narrativa do espaço, que podem ser descortinadas através da análise da imaginária em diálogo com a retabulística e documentação escrita.

AS INVOCAÇÕES DOS ALTARES DA IGREJA PAROQUIAL DA FOZ DO DOURO

As *Memórias Paroquiais*³¹ (1758) são a principal fonte para compreendermos as invocações existentes na igreja da Foz do Douro em meados do século XVIII, pouco tempo após a conclusão da obra de talha da capela-mor. Esta fonte informa que no altar-mor está “o Santissimo Sacramento que tem Conffraria (...) e Saom Joaom Baptista Padroeyro desta Parochia”. Do lado do Evangelho, o primeiro altar lateral é dedicado ao “Senhor

²⁹ Sobre a arte da talha consultar Robert Smith, *A Talha em Portugal* (Lisboa: Livros Horizonte, 1962) ou Natália Ferreira-Alves, *A arte da talha no Porto na época barroca: artistas e clientela, materiais e técnicas* (Porto: FLUP, 1986).

³⁰ Sobre o tema consultar Domingos Pinho Brandão e Robert Smith, *Alguns retábulos e painéis de igrejas e capelas do Porto* (Porto: Câmara Municipal do Porto, 1963).

³¹ As *Memórias Paroquiais* são o resultado do Inquérito às Paróquias de 1758, realizado por ordem do Marquês de Pombal em consequência do sismo de Lisboa de 1755.



▪ Fig. 1. Vista sobre a nave da Igreja da Foz do Douro. Século XVIII. Igreja da Foz do Douro. Fotografia da autora.

Crucificado com o título de Bom Sucesso, he Imagem de toda a veneração e respeyto”; segue-se o altar do “Senhor Ecce Homo”; o altar do “Patriarcha Saom Bento” e o de “Santa Gertrudes e Almas”. Do lado da Epístola, junto ao arco triunfal deparamo-nos com o altar de “Nossa Senhora do Rozario”, seguindo-se o de “Nossa Senhora do Pillar e Santa Ana”; o do “Senhor dos Santos Passos” e por fim o da “Nossa Senhora do Rozario dos Pretos”³² (Fig. 1).

Os altares laterais assistiram a pequenas mudanças de oragos ao longo dos tempos. São João Batista manteve o patronato da capela-mor enquanto o altar de São Bento passou a ser dedicado, no século XX, a Nossa Senhora de Fátima; o altar da Senhora do Pilar e de Santa Ana está hoje sobre o patronato de Santa Ana e do Sagrado Coração de Jesus; e o altar da Nossa Senhora do Rosário

dos Pretos é dedicado a Nossa Senhora da Graça.

Ao entrarmos na igreja deparamo-nos com um pedestal retangular, por debaixo do arco cego à direita do portal, que evoca a memória da existência do antigo altar da Capela da Nossa Senhora da Luz, aí colocado entre 1935 e 1998. Foi para este retábulo que a imagem da Virgem da Luz foi transferida do altar de São Bento, onde esteve entre 1835 e 1935 e do qual foi patrona. Como comprovam registos fotográficos, após a deslocação do retábulo da antiga Capela de Nossa Senhora da Luz para a Capela de Santa Anastácia (1998), a imagem da Senhora foi guardada numa arrecadação, sendo intervencionada e reexposta por volta de 2008 sobre o pedestal branco.

Seguidamente particularizamos algumas das devoções que se foram movimentando pelo espaço sacro e que habitaram a capela-mor ao longo do tempo, nomeadamente São João Batista, São Gregório Magno, Santa Escolástica, São Bento, os quatro

³² Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), *Memórias Paroquiais da Foz do Douro*, Fundo Memórias Paroquiais/ Dicionário geográfico de Portugal, T. 16, nº 139, ref. PT/TT/MPRQ/16/139, f. 880, 1758.

Evangelistas e o Cristo Crucificado, cuja análise ultrapassa a identificação iconográfica, entrando no campo da Iconologia, procurando apontar o motivo para sua existência no contexto da Foz do Douro.

A CAPELA MOR

Apesar do orago da capela-mor se ter mantido, a imaginária exposta foi sofrendo alterações. É muito possível que antes da elaboração do retábulo segundo o risco de Miguel Francisco da Silva (1734) existisse um outro retábulo, ao que tudo indica vindo da igreja renascentista, cuja composição e organização desconhecemos: “coanto ao retabollo os padres se o deixarem da igreja velha delle ditto senhor Lesensiado Frei Andre Marques d’Almeida o mandara assentar e reformar de alguma falta se a tiver que nam seja nascida de mau trato a tirar e despegar delle”³³.

As *Memórias Paroquiais* (1758) apontam a exposição de pelo menos três imagens no retábulo de setecentos, uma de São João Batista, que acreditamos ter sido colocada na base do trono eucarístico; uma de São Gregório Magno e outra de Santa Escolástica³⁴, nos nichos laterais. Esta informação é confirmada pelas receitas da CSS (1731), que indicam que “Deu hum devoto e huma devota pera as imagens de Saom Gregorio Magno, Santa Escolastica e Saom Joaom quarenta e oito mil reis”; “Deraom os mesmos pera se estofarem as ditas imagens quarenta mil e oito reis”³⁵. Face à avultada quantia empregue é possível que as imagens fossem produzidas para o novo retábulo. A entrega destas doações à CSS indica-nos que, possivelmente, esta confraria foi pelo menos um dos encomendantes das imagens. Um ofício do juiz da CSS,

³³ APFD, Documentos importantes da CSS, Liv. CSS/11, f. 9v-10, 1640.

³⁴ ANTT, *Memórias Paroquiais da Foz do Douro*, Fundo *Memórias Paroquiais/ Dicionário geográfico de Portugal*, T. 16, nº 139, ref. PT/TT/MPRQ/16/139, f. 880, 1758.

³⁵ APFD, Livro de esmolas que vao dando os devotos ao Santíssimo Sacramento, liv.17, f.1, 1731.

Joaquim Martins, em resposta ao Abade José dos Santos Moura (30 setembro de 1880), atesta a pertença da imagem de São João Batista à CSS: “(...) foi resolvido por unanimidade que se não consentisse na mudança da imagem de São João Baptista, padroeiro d’esta igreja, (...) sendo a mencionada imagem propriedade d’esta freguesia, alias confraria, a cargo da qual sempre esteve o seu culto e o recebimento das esmolas que lhe são ofertadas (...)”³⁶.

A documentação consultada evidencia que em 1731 já se discutia a feitura do retábulo-mor, o que poderá ter incentivado doações de avultadas quantias para a obra: “Deu hum devoto e huma devota, que não quer se nomeyem, na ajuda do retábulo da capella mor [duz]entos mil reis”; “Deu Reverendo Dom Abbade de Santo Thyrso Frei Manoel da Ascenssaom, (...) pera o mesmo retábulo quinhentos e noventa e oito mil reis”; “Deu hum devoto pera ajuda de dourar o nicho de Saom Joaom Baptista dous mil reis”; “Deu Maria Thereza de Payva pera o douramento da tribuna quatro mil e oito centos reis”³⁷. O contrato referente ao retábulo-mor não indica a colocação de imagens pré-existentes na obra, mas face aos excertos acima expostos indagamos que as imagens referidas nas *Memórias Paroquiais* foram pensadas e executadas no tempo do retábulo de Miguel Francisco da Silva.

Ignoramos a existência de documentação que refira a autoria das imagens, indicadas nos excertos anteriores, bem como a relação formal entre elas, uma vez que se desconhece o paradeiro das representações de São Gregório e de Santa Escolástica.

SÃO JOÃO BATISTA

A introdução da iconografia de São João Batista no altar-mor relaciona-se diretamente com a memória devocional do território.

³⁶ APFD, Correspondência da Confraria do Santíssimo Sacramento, liv. 62, ff. 24v-25, 1867-1890.

³⁷ APFD, Livro de esmolas que vao dando os devotos ao Santíssimo Sacramento, liv.17, f.1, 1731.

Como vimos anteriormente, a documentação do século XII refere a existência de uma ermida dedicada a São João Batista, mas a atribuição deste patronato poderá ter sido influenciada por um culto anterior. Durante a campanha arqueológica (1987–1992) levada a cabo dentro da fortaleza da Foz foi encontrada, no local da antiga ermida, uma ara votiva datada dos séculos II/III, com a inscrição *AQVIS*. Este campo epigráfico deverá relacionar-se com uma possível dedicação a uma divindade aquática³⁸. Desconhecemos vestígios de um templo romano no local, mas a presença desta ara e as potencialidades geográficas do território parecem indiciar um culto anterior à ocupação cristã. Acreditamos que a invocação de São João Batista poderá derivar de um anterior culto às águas, inserido no seio de uma anterior comunidade ligada a atividades marítimas. Estas hipóteses carecem, naturalmente, de mais estudos arqueológicos.

São João Batista é, por um lado, exemplo de ascese e despojamento dos bens materiais e, por outro, protetor das águas e das suas gentes, sendo visto como a entidade que prepara, através do batismo, a vinda do Messias. Por “causa del bautismo en el Jordán, tradicionalmente se consideraba a San Juan protector de las fuentes” e “un santo curador” que “ayudaba a encontrar los cuerpos de los ahogados”³⁹.

Desconhecemos a existência de documentação que indique a eventual autoria da imagem de São João Batista da igreja da Foz (Fig. 2). O santo é representado como um homem com vestes cingidas à cintura, que por tradição correspondem à pele de camelo e aludem à sua condição de eremita. A imagem respeita a clássica disposição em contraposto, que confere dinamismo e movimento

³⁸ Isabel Osório, “A intervenção arqueológica no castelo de São João da Foz. Novos elementos para a reconstituição dos espaços”, em *A Arquitectura militar na expansão portuguesa*, coord. por Francisco Paulino (Porto: C.N.C.D.P., 1994), 74.

³⁹ Luis Réau, *Iconografía del arte cristiano*, vol. 4 (Barcelona: Ediciones del Serbal, 2008), 494.

à representação. Seguindo a sua iconografia habitual, faz-se acompanhar do cordeiro, do estandarte em forma de cruz e uma filacteria vermelha com a inscrição *ECCE AGNUS DEI* em letras brancas, ou seja, “Eis o Cordeiro de Deus”. Estes elementos reforçam a ideia de que Cristo, o cordeiro, morrerá na cruz para a remissão dos pecados da humanidade, lembrando constantemente o crente da necessidade da Salvação da alma através da palavra de Deus.



▪ Fig. 2. São João Batista. Século XVIII. Igreja da Foz do Douro. Fotografia da autora.

Desconhecemos a data em que a imagem do século XVIII foi transferida do centro do retábulo para o nicho esquerdo, onde hoje se localiza. Contudo, a permanente devoção a São João Batista na Foz do Douro é atestada pelos registos de despesas com as suas festas bem como de muitas esmolas que lhe foram sendo concedidas.

Alguns registos fotográficos do APFD, datados de meados do século XX, mostram-nos que a imagem de São João saía em pro-

cissão, encabeçando o cortejo composto pelas imagens de Nossa Senhora da Lapa, Nossa Senhora dos Navegantes, também conhecida como Nossa Senhora da Bonança e São Bento (Fig. 3). Este conjunto representa, por um lado, devoções ligadas à antiga administração do Couto da Foz, personificadas em São Bento e, por outro, devoções mareantes como a Virgem da Lapa, da Bonança e São João Batista.



▪ Fig. 3. Registo de procissão. Século XX, APFD [documento avulso, s. c./s. leg.].

Percorrendo a Avenida D. Carlos I, as imagens alinhavam-se junto à margem das águas, viradas para a barra (Fig.3). Atendendo a que a água é simultaneamente fonte de vida e de morte, a disposição das imagens sugere que lhes foram atribuídas funções apotropaicas, abençoando as águas, essen-

ciais para a sobrevivência económica da própria comunidade⁴⁰.

É importante compreendermos que as imagens, tal como os espaços sacros, são realidades vivas, que se adaptam às necessidades devocionais das comunidades nos mais variados momentos. A procissão é um desses momentos e afirma-se como um exercício de piedade coletiva, que servia para o crente agradecer e reforçar pedidos aos santos e à Virgem. As devoções que saíam pelas ruas não serviam apenas para serem vistas. Era importante que o crente fosse visto pelo santo para que o pedido do primeiro fosse atendido. As imagens materializam esta realidade festiva, criadora de uma paisagem urbana efémera, muitas vezes adormecida e em alguns casos apagada da memória coletiva⁴¹.

SÃO GREGÓRIO MAGNO

No nicho esquerdo do retábulo-mor constava, na primeira metade do século XVIII, a imagem de São Gregório Magno, a quem é atribuída a redação dos *Diálogos*⁴², obra composta por quatro livros, sendo o segundo reservado à narrativa da vida de São Bento. A inserção de uma imagem de São Gregório no contexto de um retábulo-mor de uma igreja beneditina é assim explicada, por se tratar do autor da hagiografia do Patrono da Ordem afeta ao território da Foz do Douro. O inventário de 1731 da CSS aponta uma oferta para produção da imagem de São Gregório Magno, confirmando a existência desta devoção mesmo antes da elaboração do retábulo atual.

⁴⁰ Ver Jean Chevalier y Alain Gheerbrant, *Dicionário de símbolos* (Cordova: Editorial Teorema, 1994), 41-46.

⁴¹ Sobre a relação entre o crente e os santos ver José Rogério Lopes, "Velhas devoções, novas devoções: mediações e mudanças no cristianismo devocional contemporâneo", *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, vol.1, nº 1 (2010), 109-135.

⁴² Biblioteca Pública Nacional de Portugal (BPNP). Santo Gregório Magno, *Diálogos*, Fundo do Mosteiro de Alcobaça, ref. F. 4009, ff. 1 - 109v. [cópia pública disponível em <https://purl.pt/23736>].

No nicho oposto foi colocada a imagem de Santa Escolástica, irmã de São Bento, num claro diálogo entre devoções afetas à Ordem Beneditina. Ao centro encontrava-se São João Batista, invocando a sua condição de orago da freguesia. Desconhece-se o paradeiro da imagem de São Gregório e a data em que foi substituída pela de São João Batista.

A documentação que nos chegou apenas volta a referir São Gregório no inventário da CSS, de 1903⁴³, desconhecendo-se se se trata da imagem à qual as *Memórias Paroquiais* aludem. Iconograficamente, a imagem de São Gregório seguia, certamente, o cânone estabelecido, representando um homem imberbe com vestes pontificais, “tocado com la tiara y com la cruz pontifica de tres travesaños” e com uma pomba sobre um dos seus ombros ou sobre a sua cabeça⁴⁴.

SANTA ESCOLÁSTICA

Santa Escolástica, “Hermana gemela de San Benito, fundador de la orden de los beneditinos (...)”⁴⁵, é fundadora do ramo feminino da Ordem Beneditina e uma devoção com presença assídua nas igrejas beneditinas. A única documentação que refere a existência de uma imagem sua no altar-mor é a entrada das *Memórias Paroquiais* (1758). Desconhece-se o paradeiro da imagem e a data em que foi substituída pela de São Bento, patrono da Ordem.

Tendo por base a sua iconografia tradicional, a imagem de Santa Escolástica deveria corresponder a uma mulher vestida com o hábito beneditino de Abadessa. Os atributos mais comuns são a pomba que lhe paira sobre a cabeça ou pousa sobre o livro aberto da Regra, que ostenta numa das mãos, e o báculo, que segura com a outra. Esta é a

iconografia mais comum desta santa, que encontramos em outros mosteiros beneditinos como na fachada do Mosteiro de Tibães (Braga), na fachada do Mosteiro de São Bento da Vitória (Porto) e no retábulo-mor da igreja do Mosteiro de São Bento de Santo Tirso. A mesma iconografia está presente na imagem que integra a exposição permanente do Museu de Arte Sacra e Arqueologia (Porto). A difusão desta iconografia no contexto português leva-nos a acreditar que a imagem da Foz do Douro deveria seguir o mesmo cânone. Porém, são conhecidos outros atributos a esta devoção como o lírio ou o coração em chamas⁴⁶.

A documentação diz-nos que no final do século XVIII existiu uma outra imagem de Santa Escolástica, integrada num dos nichos da fachada da igreja, terminada entre 1732 e 1734. Nos três nichos existentes foram primeiramente colocadas as imagens de São Bento, ao centro, e São Pedro e São Paulo nos laterais. Anos mais tarde, por volta de 1781, as primitivas imagens foram substituídas pela imagem de São João Batista, ao centro, e pelas de São Bento e de Santa Escolástica nos nichos laterais⁴⁷. Atualmente apenas subsiste uma imagem do padroeiro, desconhecendo-se o motivo que levou à retirada das restantes imagens bem como a datação deste acontecimento. Contudo, através do registo fílmico da Procissão do Senhor dos Passos (1950-1956), é possível constatar que os nichos laterais da fachada já se encontravam vazios⁴⁸. Apesar da ausência de documentação, acreditamos que a retirada das imagens ligadas à Ordem Beneditina poderá ter ocorrido em consequência da Extinção das Ordens Religiosas (1834), hipótese que deverá ser sujeita a confirmação.

⁴³ APFD, Livro de tomo da Confraria do Santíssimo Sacramento da Foz do Douro, liv. 4, f.18v, 1903.

⁴⁴ Réau, *Iconografia...*, vol. 4, 48.

⁴⁵ Louis Réau, *Iconografía del arte cristiano: Iconografía de los santos de la A a la F*, vol. 3 (Barcelona: Ediciones del Serbal, 2002), 455.

⁴⁶ Réau, *Iconografia...*, vol. 3, 455.

⁴⁷ Rui Osório, *Foz do Douro de 1216 a 2016: 800 anos da Paróquia de São João Baptista* (Porto: Paróquia de SJBFD, 2015), 51.

⁴⁸ [S.a], *Registo Fílmico da Procissão do Senhor dos Passos* [Cópia digital de uma bobine. Coleção privada] (Sem distribuição, 1950-1956), 00:09–00:10.

O registo de despesas da CSS, de 1854, inclui o valor pago a “B. J. Alves Coelho Junior pela imagem de São João Baptista pera a frente da igreja”⁴⁹, indicando a aquisição de uma imagem para substituir a anterior. Perante a atual documentação podemos equacionar que a aquisição de uma nova imagem de São João Batista reforça a importância das devoções locais no rescaldo da Extinção das Ordens Religiosas, num cenário em que se tentava desvanecer e até eliminar alguns cultos vinculados à Ordem de São Bento, como foi o caso de Santa Escolástica, que deixou de ter expressão na igreja da Foz.

Porém, o mesmo não aconteceu com a devoção a Santa Gertrudes, a quem são dedicadas duas imagens no quarto altar do lado do Evangelho. Tal prende-se com o facto deste altar ter estado a cargo da CPA até ao século XX, o que poderá ter influenciado a manutenção deste culto.

Atualmente este altar continua a albergar imagens intimamente relacionadas com a Ordem Beneditina: no camarim central vemos uma imagem de Santa Gertrudes de grandes dimensões, a quem estava dedicada uma festividade já mencionada em 1730: “declaramos qui os paramentos brancos se daraom grátis pera as solemnidades do Pareodeiro, Saom Bento, Santa Gertrudes e Rozario e pera as festas feitas na Igreja”⁵⁰. À direita vemos Santa Francisca Romana, Abadessa beneditina, com o menino ao colo, o báculo e uma criança aos seus pés e à esquerda Santa Teresa de Ávila, representada com o livro aberto na mão esquerda e o cálamo ou estilete na outra mão.

Neste altar existe ainda uma segunda imagem de Santa Gertrudes, de pequenas dimensões, enquadrada no nicho que interrompe um painel relevado dedicado à representação das Almas do Purgatório. Desco-

⁴⁹ APFD, Servira este livro para contas assim da receita como da despeza da Confraria do Santíssimo Sacramento, liv. 23, f. 33r, 1854.

⁵⁰ APFD, Compromisso & estatutos da Confraria do Santíssimo Sacramento, liv. 9a, f.47v, 1730.

nhecemos o motivo que levou à colocação, num mesmo altar, de duas imagens da mesma devoção, mas temos conhecimento desta realidade pelo menos desde 1823: “Quatro ditos [resplendores] de prata de Santa Gertrudes Mayor e da menor e de Santo Andre, e de Santa Barbara e de Santa Theresa”⁵¹.

Este mesmo excerto indica-nos que no século XVIII a imagem de Santa Teresa de Ávila já se encontrava no retábulo, assim como a imagem de Santa Bárbara, hoje exposta no altar da Nossa Senhora da Graça. É de acrescentar que o inventário de 1898 da CPA já não refere a colocação de Santa Bárbara no altar das Almas, nem de Santo André, que apenas surge indicado na entrada do inventário de 1823, desconhecendo-se o destino da imagem ou outros elementos a ela associados. O mesmo aconteceu com o culto a Santa Luzia cuja devoção perdurou mesmo depois da retirada da imagem do altar das Almas, existindo referência, em 1937, do valor da “Missa no dia de Santa Luzia”⁵². A primeira referência a este culto data de 1859, constando no inventário da CPA “Uma imagem de santa Luzia”⁵³, associando-se a ela objetos de enxoval e votivos: “dous olhos de ouro em Santa Luzia”⁵⁴; “Uma corôa e umas palmas de Xanta (sic) Luzia”⁵⁵. Esta imagem, guardada em arrecadação, encontra-se danificada, sendo este o motivo aparente para a sua retirada do altar.

SÃO BENTO

A memória da comunidade beneditina no espaço da Foz do Douro resiste nos topónimos do território, como na “Rua da

⁵¹ APFD, Livro de Inventario da Fabrica da Confraria do Povo e Almas, liv. 7, ff.6v-7, 1823.

⁵² APFD, Diário de Receita e despesa da Confraria do Povo e Almas, liv.104, f. 2, 1937.

⁵³ APFD, Livro de Inventario da Fabrica da Confraria do Povo e Almas, liv. 7, f. 15v, 1859.

⁵⁴ APFD, Livro de Inventario da Fabrica da Confraria do Povo e Almas, liv. 7, f. 16, 1859.

⁵⁵ APFD, Livro de Inventario da Fabrica da Confraria do Povo e Almas, liv. 7, f. 16, 1859.

Beneditina” ou na “Rua de Santa Escolástica”, mas também nas arquiteturas, como as capelas de Santa Anastácia, da Nossa Senhora da Conceição e de São Miguel-o-Anjo, nos vestígios da Igreja Renascentista da Foz (século XVI) ou na própria igreja paroquial. Para além destes meios contamos ainda com as imagens devocionais, deixadas pelos beneditinos, que testemunham a ocupação e vivências que animaram esta paróquia durante séculos. As imagens são meios de perpetuação de memória. Segundo Belting: “A imagem está, decerto, presente no nosso olhar. (...) Por direito próprio, as imagens testemunham quanto à ausência daquilo que elas tornam presente. Graças aos meios em que são produzidas, elas já possuem a presença efetiva do que pretendem transmitir”.

Atualmente, o nicho que outrora pertenceu a Santa Escolástica no retábulo-mor é preenchido por uma imagem de São Bento, que é representado envergando o hábito negro dos beneditinos, segurando o báculo na mão direita e o livro aberto da Regra na mão esquerda. Destaca-se a mitra junto aos seus pés, que alude à sua condição de abade e simboliza a recusa do cargo num claro gesto de humildade (Fig. 4).

Para além da imagem de São Bento da capela-mor a documentação do APFD indica a existência de outras imagens deste santo na igreja paroquial. As *Memórias Paroquiais* (1758) e os inventários da CSS, do século XVIII⁵⁶, atribuem a São Bento o terceiro altar do lado do Evangelho, hoje dedicado à Nossa Senhora de Fátima, e entre 1835 e 1935 sob o patronato da Nossa Senhora da Luz. Na sequência da destruição da Capela da Nossa Senhora da Luz, no contexto das lutas liberais e da Guerra Civil, a imagem da Virgem foi trasladada para a igreja paroquial, como alude a notícia de 21 de agosto de 1835 do jornal *A Vedeta da Liberdade*: “as imagens da Senhora da Luz e de São Bartolomeu,

⁵⁶ APFD, Livro de algumas consideracoenz economicaz por termo da Confraria do Santissimo Sacramento conta memórias notaveiz a varioz respectoz, liv. 1, f. 85, 1780.

outrora veneradas na capela da Senhora da Luz, em consequência da ruína desta, foram trasladadas para a igreja paroquial da Foz do Douro, continuando as suas festividades a ser celebradas nos dias competentes”⁵⁷.



• Fig. 4. São Bento. Século XVIII. Igreja da Foz do Douro. Fotografia da autora.

No rescaldo da Extinção das Ordens Religiosas assistimos a uma valorização de devoções locais, ligadas à proteção das gentes do mar, como a Senhora da Luz, e ao aparente esmorecer dos cultos ligados à Ordem Beneditina, com a alteração do patronato do terceiro altar do lado do Evangelho.

É possível que, para além da imagem de São Bento do retábulo-mor, também o retábulo lateral, tivesse exposta, no seu nicho central, uma imagem do Patriarca de dimensões consideráveis, hoje desconhecida (Fig. 5). Esta imagem relacionava-se diretamente com as passagens hagiográficas represen-

⁵⁷ “Anuncia-se”, *A Vedeta da Liberdade*, nº 96, 21 de agosto de 1835, 4.

tadas na talha do arco externo do retábulo. Ainda hoje estes pequenos relevos inseridos em cartelas trazem à memória o primitivo orago do altar, bem como o seu anterior programa iconográfico.



▪ Fig. 5. Altar da Nossa Senhora de Fátima, anteriormente dedicado a São Bento. Século XVIII. Igreja da Foz do Douro. Fotografia da autora.

É de referir que os inventários da CSS de 1903 e de 1920 não indicam a imagem do altar da nave, mas referem a existência de duas imagens do patriarca, uma no retábulo-mor e outra, de menores dimensões, na sacristia velha⁵⁸. A pequena imagem era exposta em 2006 no nicho existente no corredor de acesso entre a igreja e a sala das assinaturas, por detrás do retábulo de Cristo Crucificado. Em 2008 foi alvo de uma intervenção de limpeza e transferida, por ordem do Cónego Rui Osório, para o terceiro altar do lado

do Evangelho, trazendo à memória o antigo programa iconográfico do altar.

OS QUATRO EVANGELISTAS

É importante referirmos a presença de quatro evangelistas em madeira dourada na base do trono eucarístico do retábulo-mor. Numa primeira instância poderíamos indagar que estas pequenas imagens faziam parte do desenho do retábulo. Porém, a documentação revela-nos que foram encomendadas em 1814 a “Antonio José da Silva e João e José Serra, escultor e dourador da cidade do Porto”⁵⁹, juntamente com seis castiças para a banquetta da capela-mor⁶⁰.

Este conjunto de pequena dimensão, representa os quatro evangelistas com a sua respetiva identificação simbólica (Fig. 6). Da esquerda para a direita do observador observa-se: São Mateus, representado como o anjo; São Marcos, acompanhado por um leão; São João com a águia e São Lucas com o touro. Desconhecemos se esta organização seria a original. Constatamos que todos eles são representados com um livro aberto, alusivo aos evangelhos por eles escritos, sendo esteticamente semelhantes entre si. Os corpos alongados e com contraposto pronunciado evidenciam uma estética formal do século XIX.

Através da fotografia de Teófilo Rego, concluímos que em 1963 os quatro evangelistas já tinham sido retirados do retábulo-mor e guardados na sacristia, onde permaneceram até 2008, data em que o Cónego Rui Osório lhes restituiu nova vida, submetendo-os a uma intervenção de limpeza e expondo-os no seu primitivo local, onde hoje se encontram (Fig. 7).

⁵⁹ APFD, Certidões e attestados da Confraria do Santíssimo Sacramento, liv. 165, doc.4, 1723–1884.

⁶⁰ APFD, Certidões e attestados da Confraria do Santíssimo Sacramento, liv. 165, doc.4, 1723–1884.

⁵⁸ APFD, Livro de tomo dos bens da Confraria do Santíssimo Sacramento, liv. 5, f. 18, 1920.



▪ Fig. 6. Pormenor de dois evangelistas do retábulo-mor da Foz do Douro. Século XIX. Igreja da Foz do Douro. Fotografia da autora.

CRISTO CRUCIFICADO OU SENHOR DO BOM SUCESSO

Como referido anteriormente, as *Memórias Paroquiais* designam o primeiro altar lateral como sendo de Cristo Crucificado, patronato que terá mantido pelo menos até 1904, ano em que é dedicado a Nossa Senhora das Dores: “a fazer a entrega das alfaias que (...) Ludovina Margarida de Mattos, tinha em seu poder, pertencentes ao altar da imagem de Nossa Senhora das Dores”⁶¹. Contudo, a documentação confirma que Cristo Crucificado ainda se encontrava no altar, pois para a festividade da CSP, de 1921, era “necessário deslocar do altar da Nossa Senhora das Dores o Senhor do Vom (sic) Sucesso para ser colocado no citado calvario”⁶². Este excerto confirma a movimenta-

⁶¹ APFD, Livro de Actas da Confraria do Santíssimo Sacramento, liv. 52, f. 17, 1901-1907.

⁶² APFD, Livro de Actas da Confraria do Santíssimo Sacramento, liv. 52, ff.18v-19v, 1901-1907.



▪ Fig. 7. Teófilo Rego. Retábulo-mor da Foz do Douro. (c.1963). AHMP, cotaF-P/CMP/10/261(20).

ção da imagem entre o altar lateral e o retábulo-mor.

Segundo as fontes recolhidas, julgamos que pelo menos desde a década de 50 do século XX foi colocada, permanentemente, no trono eucarístico, a imagem de Cristo Crucificado, também identificada como Senhor do Bom Sucesso (Fig. 8). A sua permanência no altar-mor, deverá ter ocorrido pelo menos até à década de 80, época em que retorna ao seu antigo lugar, no altar à esquerda do arco triunfal (Fig. 9).



- Fig. 8. Excerto digital de uma bobine representativa da Procissão do Senhor dos Passos. (c. 1950-1956). [Sem distribuição, coleção privada], (09:39)

Para o século XVIII encontramos referência à existência de “Hum andor de castanho do Senhor crucificado”⁶³, o que indica que, em 1780, esta imagem saía em procissão, sendo possível que se tratasse da Procissão das Trevas que “correndo os passos, na cual levaraom Ecce Homo, Cristo Crucificado”⁶⁴.

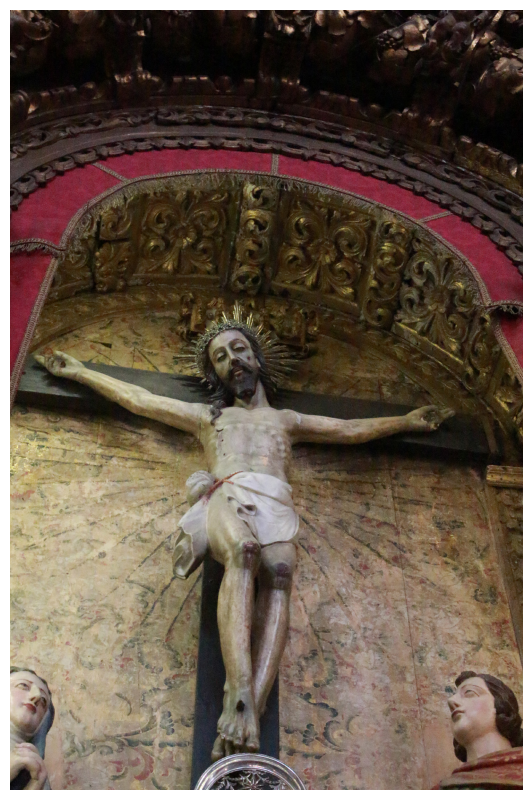
Este Cristo poderá datar do século XVI ou primeira metade do XVII (Fig. 10). Apresenta-se como um homem magro e de rosto

⁶³ APFD, Livro de algumas consideracoenz economicaz por termo da Confraria do Santíssimo Sacramento conta memórias notaveiz a varioz respeitoz, liv. 1, f. 87, 1780.

⁶⁴ APFD, Compromisso & estatutos da Confraria do Santíssimo Sacramento, liv. 9a, f. 36v, 1780.



- Fig. 9. Trono eucarístico no fim da segunda metade do século XX. (c. 1980). APFD [documento avulso, s. c./ s. leg.].



- Fig. 10. Cristo Crucificado no seu altar. Séculos XVI-XVII. Igreja da Foz do Douro. Fotografia da autora.

alongado, de olhos amendoados e emoldurados por pequenas gotas de sangue que escorrem pela testa, onde repousa a coroa de espinhos. Os cabelos castanhos são delineados por linhas onduladas, que se prolongam pela madeixa que lhe cobre o ombro direito. A representação das barbas e dos cabelos, bem como a geometrização dos elementos anatómicos da figura, lembra o gosto pela arte indo-portuguesa, podendo tratar-se de uma encomenda externa ou de uma obra inspirada na pequena estatuária em marfim. Face à possível cronologia desta imagem torna-se plausível que esta tenha sido transferida da igreja renascentista e entregue aos beneditinos em consequência do alvará régio de 1648⁶⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As devoções influenciaram diretamente a produção de imagens que, não raras vezes, beneficiaram de avultadas ofertas de fiéis, que desta forma dotavam os espaços sacros dos elementos indispensáveis ao serviço litúrgico. O estudo das imagens no contexto da sua produção, nomeadamente a identificação de artistas e oficinas, encomendadores e normas de execução, como as Constituições Sinodais e Visitações, não é desenvolvido neste artigo, mas apresenta-se como uma abordagem de trabalho futura.

Como constatamos ao longo deste artigo, imagens como a de São João Batista, São Gregório Magno e Santa Escolástica foram produzidas com a finalidade de serem inseridas num novo retábulo, contando com doações de devotos para a sua concretização. A necessidade de imagens devocionais influencia a criação de espaços próprios à sua colocação e, no caso destes já existirem, podem incentivar à criação da imaginária, num claro diálogo entre devoção e espaço de oração.

As imagens enquadram-se nas práticas e rituais devocionais, sendo sujeitas a uma

mobilidade decorrente das transformações da liturgia e da arquitetura do espaço sacro. A mobilidade das imagens interliga-se intrinsecamente com a passagem do tempo. O calendário litúrgico, pautado por um grande número de festas religiosas, é palco de movimentações de imagens, que são transportadas processionalmente pelas ruas para verem e serem vistas. Neste contexto ocorre a criação de uma paisagem efémera, pautada pelas cores das flores e das opas das confrarias; pelo brilho da prata das alfaías empregues; pelos crentes que se juntam para ver a procissão passar e que recitam as suas preces e orações; pelo incenso aspergido e pelo som dos sinos e do fogo-de-ar que chamam os devotos ao mesmo tempo que espantam maus agoiros.

Ao longo dos séculos, os fiéis foram valorizando determinados santos em detrimento de outros, como foi o caso das invocações marianas. O fervor devocional leva à substituição de imagens antigas por representações com uma estética mais moderna, enquanto o esmorecer de alguns cultos leva, em muitos casos, à permanente retirada das imagens, como foi o caso de Santa Escolástica. O estudo das imagens que outrora existiram na igreja contribui para a compreensão da existência dos topónimos de “Rua de Santa Escolástica” e “Rua da Beneditina” no território da Foz do Douro, que perpetuam a memória da Ordem a ele afeta até ao século XIX. Também as imagens, atualmente expostas ao culto na igreja paroquial, recordam a presença beneditina no território, através do culto de Santa Gertrudes, Santa Francisca Romana e São Bento.

A par das devoções beneditinas destacam-se também as imagens diretamente relacionadas com a proteção dos mareantes, recordando os perigos que as águas da barra escondiam, como é o caso da Nossa Senhora da Luz e de São João Batista. Apesar de constatarmos que após a Extinção das Ordens Religiosas (1834) os cultos beneditinos enfraqueceram, dando lugar à valorização das devoções a Cristo, à Virgem e aos santos locais, a sua memória permanece e é recor-

⁶⁵ APFD, *Titulos do Santissimo*, Liv. 15, ff. 161-162, 1648.

rentemente ativada através da imaginária da igreja e dos topónimos locais. Assim, o estudo da imagem contribui para a reflexão e contextualização da herança devocional e patrimonial no contexto da comunidade da Foz do Douro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, Susana Matos. “A obra do arquitecto italiano Francesco da Cremona (c. 1480–c. 1550) em Portugal: novas pistas de investigação”. En *A Encomenda. O Artista. A obra*, coordenado por Natália M. Ferreira-Alves, 557–583. Porto: CEPESE, 2010.
- Afonso, José Ferrão. “Francisco de Cremona: Arquitecto italiano na Foz do Douro e em Viseu no terceiro quartel do século XVI”. *Estudos Italiano em Portugal*, nº 12 (2017), 131–147.
- “Anuncia-se”. *A Vedeta da Liberdade*, nº 96, 21 de agosto de 1835, 4.
- Belting, Hans. *Antropologia da Imagem*. Lisboa: KKYM + EAUM, 2014.
- Barroca, Mário Jorge. *As fortificações do litoral portuense*. Lisboa: Inapa, 2001.
- Basto, Artur de Magalhães. *Silva de história e arte: notícias portucalenses*. Porto: Livraria Progredior, 1945.
- Brandão, Domingos Pinho y Robert Smith. *Alguns retábulos e painéis de igrejas e capelas do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1963.
- Carmona Muela, Juan. *Iconografía de los Santos*. Madrid: Ediciones Akal, 2003.
- Chevalier, Jean y Alain Gheerbrant. *Dicionário de símbolos*. Cordova: Editorial Teorema, 1994.
- Curto, Diogo. “A Restauração de 1640: nomes e pessoas”. *Revista de Estudos Ibéricos*, nº 0 (2003), 321–336.
- Esteban Lorente, Juan. *Tratado de Iconografía*. Madrid: Ediciones Akal, 2018.
- Espírito Santo, Gabriel. *Restauração: 1640-1669*. Matosinhos: QuidNovi, 2006.
- Dias, Geraldo. “Hagiografia e Iconografia Beneditina”. *Via Spiritus*, nº 3 (1996), 7–24.
- Fernandes, José. *A Foz: contributo para o estudo do espaço urbano do Porto*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 1985.
- Ferreira-Alves, Natália. *A arte da talha no Porto na época barroca: artistas e clientela, materiais e técnicas*. Porto: FLUP, 1986.
- Kessler, Herbert. *Studies in Pictorial Narrative*. Londres: The Pindar Press, 1994.
- Maia, Sebastião. *Onde o rio acaba e a foz do Douro começa*. Porto: O Progresso da Foz, 1988.
- Moura, Nuno Augusto. *A Foz do Douro: evolução Urbana*. Porto: Edição do Autor, 2009.
- Moreira, Rafael. “Um exemplo: São João da Foz, de igreja a fortaleza”. En *A Arquitectura militar na expansão portuguesa*, coordenado por Francisco Paulino, 65. Porto: C.N.C.D.P, 1994.
- Osório, Rui. *Foz do Douro de 1216 a 2016: 800 anos da Paróquia de São João Baptista*. Porto: Paróquia de São João Baptista da Foz do Douro, 2015.
- Osório, Isabel. “A intervenção arqueológica no castelo de São João da Foz. Novos elementos para a reconstituição dos espaços”. En *A Arquitectura militar na expansão portuguesa*, coordenado por Francisco Paulino, 71–80. Porto: C.N.C.D.P, 1994.
- Panofsky, Erwin. *Estudos de Iconologia: Temas Humanísticos na Arte do Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1986.
- Réau, Louis. *Iconografía del arte cristiano*, vol.3. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2002.
- Réau, Louis. *Iconografía del arte cristiano*, vol.4. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2008.

Silva, Armando. "As Origens do Porto". En *História do Porto*, coordinado por Luís Ramos, 44–117. Porto: Porto Editora, 1994.

Smith, Robert. *A Talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1962.